

A REVOLUÇÃO

É IRREVERSÍVEL

O Presidente Samora Machel deu há pouco tempo uma entrevista à conhecida revista «Tercer Mundo». A jornalista deste conhecido periódico progressista, Beatriz Bissio, relata que a entrevista durou duas horas durante as quais o Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique abordou os sectores fundamentais da nossa revolução.

Analisando de uma maneira viva e profunda os problemas referentes à saúde, educação e habitação assinala por outro lado como se combateu e combate o nascimento de uma burguesia nacional, finalizando com a certeza e a confiança na força infinita do nosso povo, na sua iniciativa criadora que tornam desde já a revolução irreversível.

A maneira de falar de Samora Machel revela o orgulhoso da sua Pátria e confiante no que chama a «ilimitada capacidade criadora» do seu povo, que o faz encarar com optimismo o futuro, embora, como não desconheça que as sequelas do colonialismo — os vestígios, como lhes chama — ainda se manifestem. Resumindo, poderíamos dizer que a certeza da vitória final dos povos africanos sobre os seus opressores é o sinal mais notável das convicções do Presidente Samora.

Presidente, como tantos países africanos, Moçambique pagou o duro preço de uma longa ocupação colonial que inevitavelmente deixou sequelas. Depois de dois anos de Governo da FRELIMO como vê a situação actual?

Quando a senhora me entrevistou em 1975, cerca de cem dias após a independência, tudo era entusiasmo. Todos eram da FRELIMO: negros, brancos, indianos, todos. Certos negros estavam eufóricos. Alguns chegavam a dizer: «Vão-se embora os portugueses e ficamos cá nós com o que era deles, para ocupar o lugar deles».

Quanto à Independência havia unanimidade. Todos a queriam. No entanto, nem todos desejavam o tipo de independência que hoje temos. Alguns

teriam preferido não cortar o cordão umbilical com o colonialismo. O padrasto foi-se embora. Que vamos fazer agora? Estavam habituados a que alguém os «protegesse». Sentiram-se órfãos com a independência real que conquistámos.

Trata-se de um problema cultural?

Não. Não é um problema cultural. Essas pessoas não conhecem a cultura portuguesa. Evocam «Os Lusíadas» no entanto sem se perguntarem por que é que Luís de Camões os escreveu. Nem a que feitos se referia. O que dizem «Os Lusíadas» ou o que evoca o hino português (heróis do mar) é uma verdade histórica do ponto de vista de Portugal. Mas hoje os tempos são outros. Muitos não compreendem que se trata de uma obra sobre o povo português, não sobre nós. Os antepassados dos portugueses de hoje, os navegadores, não são nossos antepassados.

É o mesmo que aqueles que evocam com nostalgia a música portuguesa, o fado. Não vamos dizer que é uma música feia. Como toda a música feita pelo povo é bonita. Mas não é música feita pelo nosso povo. É dos portugueses.

Essa foi a educação do colonialismo; fazer nos aceitar a sua música, a sua história, o seu passado

como nossa música, nossa história, nosso passado. Acontece agora que esses nostálgicos do colonialismo descobrem que Xai-Xai, Beira ou Pemba são cidades de Moçambique, não de Portugal. Que o rio Limpopo é um rio de Moçambique, não de Portugal. Agora começam a compreender porque somos independentes. Por isso não se pode dizer que seja um problema cultural. É alienação. Mais alienação que cultura.

Se os portugueses nos tivessem deixado uma cultura, ela teria resistido ao tempo. No entanto onde está? A cultura é o povo que a cria. A cultura não são os artistas que a criam. O capitalismo não cria cultura, são os povos que a fazem. A burguesia não produz arte. Levam os pobres a cantar às suas mansões. Conhece alguma música escrita pelos filhos de reis? Se eles nunca saem do seu palácio de cristal, do seu mundo fechado, como podem cantar?

Veja estas esculturas, disse-nos tomando nas suas mãos uma estatueta de pau preto, feito pelos macondes do norte de Moçambique. Porque é que os reis não produzem isto? Porque vivem isolados do mundo. Não têm, como o povo, os pés na terra. Nós dizemos: «É preciso que o nosso pensamento more no povo tal como a semente mora ou floresce na terra». Como saber se uma semente é boa ou má? Só quando a deitam à terra o sabemos. Se germina, é boa. Trará frutos. Ao contrário, o pensamento dos reis, dos capitalistas, dos burgueses,

trabalho, conta as suas penas, os seus sofrimentos, as suas esperanças. Canta à felicidade. Canta e dança.

O que se passa com os burgueses? Não conhecem nada disso. Desde pequenos que lhes proibem



A nacionalização dos imóveis de rendimentos foi também uma das grandes conquistas do povo. Diz o Presidente Saïmiri: «Eu não digo que a população negra estivesse preparada para viver na cidade. Mas quem nasceu preparado? Que sucedeu em Cuba? Qual foi a experiência da União Soviética? É conhecido o facto dos camponeses da União Soviética terem chegado a arrancar as portas das casas que lhes entregou a revolução para fazer lenha. Outros não sabiam para que é que se usavam as banheiras. Nós tínhamos consciência de que tudo isto ia acontecer. Mas era um processo necessário. É preciso educar a população. Não deixá-la abandonada em pocilgas que tinham como casa por medo de sujar os edifícios das cidades».



é uma semente guardada numa gaveta. Não produz falta-lhe a terra, falta-lhe a inspiração.

O POVO INSPIRA-SE TODOS OS DIAS

Com o povo sucede exactamente o contrário. Inspira-se todos os dias com o trabalho quotidiano. Veja os camponeses: a sua música fala da vida, da lavoura, das colheitas, da rega. Conta como foi colhido o arroz, a calabaza, a maçaroca. Como chamam vocês à maçaroca?

No Brasil milho verde, no Rio da Prata, cholco, e no México, elote.

Quando está a trabalhar, quando está a suar sob o sol, regando a terra com o seu suor, o camponês canta. Regressa a casa com a lata de água à cabeça, pensa que tem de fazer fogo para cozinhar, vive a vida, e canta à vida. A noite, nas horas de descanso, quando brilha a lua cheia, canta ao seu

que entrem em contacto com estas realidades. Se o fazem, não são civilizados.

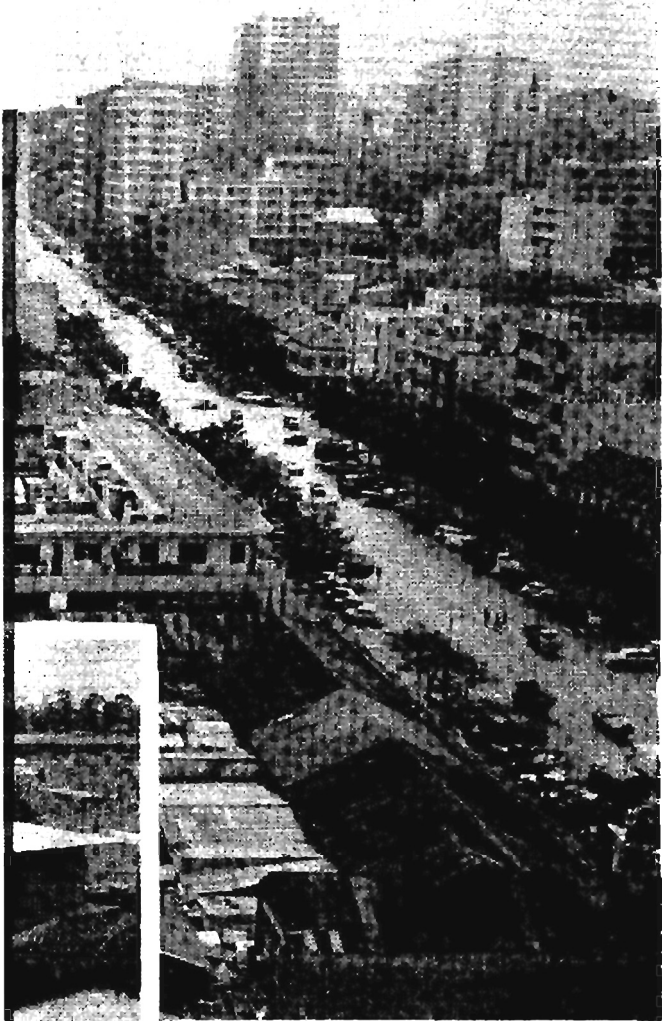
Os burgueses, estou convencido, não conhecem a felicidade. Pensam sempre que os vão matar. Como podem eles cantar à morte? Não é motivo de inspiração poética ter de dizer «creio que me vão matar».

A CORRUPÇÃO BURGUESA

Voltemos à música do pobre. Pode ser triste ou alegre. Ser uma referência histórica ou um episódio da vida quotidiana. Mas seja como for, tem um significado real. E por isso, define um inimigo e como vamos lutar contra esse inimigo.

É aí que actuam os burgueses. Não lhes falta capacidade para se defenderem. Descubrem um cantor. Começam por dizer: «que boa voz tem». Então atra-

em-no para os seus clubes. Como canta para despertar a consciência do povo, os burgueses começam a capitalizar e a corromper os cantores. Os cantores do povo. Levam-nos aos grandes hotéis, servem-lhes bebidas caras. Fazem-nos participar nos



seus vícios. Começa o que chamam «Liberalização dos costumes», o amor livre. E assim se corrompem os nossos cantores, a sua voz já não é a do povo, é a do capitalismo. É isso o que acontece com os artistas de muitos países. E se não se corrompem são perseguidos, como tantos exemplos que conhecemos.

O capitalismo não tolera o génio criador do povo. A sua posição é a de apropriar-se do artista, comercializá-lo e esvaziar o conteúdo da sua obra.

É VERDADE TEMOS DIFICULDADES

«Já que falamos de arte, de expressão popular, gostaria que comentasse as afirmações de certa imprensa ocidental que dizem que já não se dança em Moçambique. Que Maputo nesse sentido é hoje uma cidade morta».

Sim, temos tido conhecimento dessas afirmações. Que não se dança em Moçambique... Sim. Que já não há clubes, que não se fazem bailes. Maputo uma cidade morta? A verdade é que esta era para os colonialistas uma cidade que só vivia de noite. De dia morria. Era uma cidade que tinha medo do sol. Dizem que agora não há alegria na cidade de Maputo. Quando é que antes havia alegria em Maputo? Terminou aquilo de que todas as crianças nasciam enfermas, pelas terríveis doenças das suas mães, doenças venéreas. Disto não falam. Não falam. Acabámos com o desprezo entre as pessoas. Acabámos com aquilo de que eu sou da camada social tal e tu da camada social tal. Já não há discriminação.

Dizem que agora não há clubes. Que participação tinha o povo nesses bailes, nesses clubes portugueses? Nenhuma. Havia aqui uma proliferação de clubes de todas as regiões de Portugal, mas não eram para os moçambicanos. Havia o Clube Minhoto, o clube do Algarve, o Lisboaeta, o clube das Beiras, e o dos Estudantes de Coimbra, que formavam uma casta à parte, o clube de Lourenço Marques. Esse era o ponto mais alto da discriminação racial. A final flor, a nata. Também tinham os seus clubes os auto denominados «indo-portugueses». Indo-portugueses? Que é isso? Ou se é indú ou se é português ou se é moçambicano.

Iria desviar um pouco a conversa, mas a pergunta situa-se no contexto dos indo-portugueses. Com a saída dos colonialistas portugueses, não há uma tendência entre os indus e os goeses de se converterem numa espécie de burguesia mercantil? Para ocupar esse lugar deixado vazio?

Não. Não creio. Eles também eram discriminados. Os portugueses sabiam que os goeses eram seus rivais no campo da educação. Os goeses tinham realmente uma cultura muito impregnada de catolicismo. Em certo sentido eles entram naquela qualificação a que me referi a princípio dos que se consideram órfãos com a saída dos colonialistas. Consideram-se ligados aos portugueses por isso fogem, ainda que seja para passar dificuldades enormes em Portugal. Preferem ir-se embora.

Voltando ao tema anterior. Então Maputo não é uma cidade morta, mas sim com outro tipo de vida...

Sim, morreu a vida do colonialismo.

Salientar as dificuldades e omitir os progressos reais é uma velha técnica «informativa»...

Não escondemos as nossas dificuldades. Temos muitas. Consideramo-las naturais e mesmo necessárias. Temos consciência disso. Dificuldades no abastecimento, no transporte. Muitas dificuldades. Dizer que não existem seria falso. Mas vamos à raiz do problema: temos dificuldades porque estamos a desmantelar uma estrutura herdada do colonialismo. Porque para construir é necessário destruir primeiro. Não se pode construir nada sobre bases podres.

A MEDICINA NACIONALIZADA

Estivemos no Hospital Central de Maputo, o Hospital onde o senhor trabalhou antes de se lançar na luta armada. Conversámos longamente com o dr. Fernando Vaz, director do Hospital. Ele men-

cionou-nos algo de muito significativo: que a nacionalização da medicina foi e é um desafio sério, que sabiam que ao decretá-la a maioria dos médicos abandonariam o país, mas que também estavam conscientes de que aqueles que optaram por ficar eram verdadeiros quadros da revolução, militantes que estariam dispostos a enfrentar o futuro...

P.S.: Assim é, mas o problema é ainda mais profundo. Se tivéssemos anunciado que íamos nacionalizar a medicina em dois, três ou cinco anos, teríamos tido capacidade para formar dois mil médicos nesse prazo nesta nossa universidade? Na Universidade de Maputo, quando tomámos o poder com o governo de Transição, a 20 de Março de 1974, havia 4 500 estudantes, Agora temos 500 estudantes. Todos os outros se foram embora. Então de onde iam sair esses médicos?

Quando decretámos a nacionalização da medicina disseram que éramos meros esquerdistas, que não tínhamos o sentido da responsabilidade. Certamente porque não aceitamos o conceito que eles têm de responsabilidade.

«Quando decretámos a nacionalização da medicina disseram que éramos meros esquerdistas, que não tínhamos o sentido da responsabilidade. Certamente porque não aceitamos o conceito que eles têm de responsabilidade». — afirmou o Presidente Samora que mais adiante acrescentou». Nós dissemos. E agora. Nacionalizámos a medicina e eles fugiram. Fugiram não pela nacionalização em si, mas porque o fizemos com decisão. Porque tomámos a iniciativa. Quanto mais tempo lhes tivéssemos deixado a medicina nas mãos, mais oportunidades teriam eles de tornar os seus quadros. Quadros que serviriam os seus interesses».

têm de responsabilidade. Se aceitássemos as suas ideias, seríamos automaticamente responsáveis. «Não sabem que governar é difícil». Diziam. «Que é necessário ter médicos, advogados, engenheiros. Eles não estão preparados». Vem-no repetindo desde que iniciámos a nossa luta. Se em quinhentos anos de colonialismo eles nunca chegaram a produzir não cem mas nem mesmo dez engenheiros moçambicanos, que mais poderíamos esperar?

Teria sido um erro gravíssimo que a história não nos teria perdoado. Ou significa que estávamos condenados a governar com os quadros que tinha o colonialismo? Formados por e para o colonialismo... Temos respeito por eles; assumiram o conteúdo do que é o colonialismo e o capitalismo e defendem-no. Mas os nossos interesses são outros. Nós perguntamos: Eram quadros para servir a quem? Porque estavam aqui? Nada tinham em comum com o nosso povo.

Dissemos Não. Vamos começar do zero. É uma questão de planificação. Se é necessário que haja crises, melhor provocá-las quanto antes, enquanto temos capacidade de as controlar.

Por outro lado, se tivéssemos querido evitar a crise, eles tê-la-iam provocado quando o considerassem mais oportuno. Ter-lhe-íamos deixado a iniciativa de provocar a crise. Eles estariam na direcção

do carro e nós somente com a carroçaria. Nunca negaríamos a conduzir o automóvel.

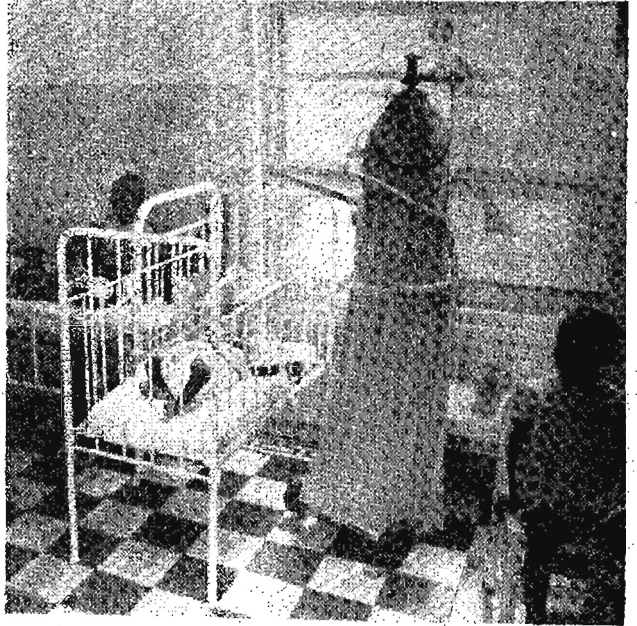
Para eles nós não estávamos em condição de conduzir o carro. É verdade que aprender leva tempo. Mas para eles quando chegaria esse tempo? Quando nos tivessem dito: «está bem, já é altura de que tomem a direcção do carro».

Não seria fácil que chegassem a dizê-lo. O poder tem muitas atracções...

Nos dissemos «É agora». Nacionalizámos a medicina e eles fugiram. E fugiram não pela nacionalização em si, mas porque o fizemos com decisão. Porque tomámos a iniciativa. Quanto mais tempo lhes tivéssemos deixado a medicina nas mãos mais oportunidades teriam eles de formar os seus quadros. Quadros que serviriam os seus interesses...

— Segundo o clássico modelo neocolonialista...

Os negros e os mulatos que se tivessem formado juntamente com eles teriam tido tempo de tomar o gosto de trabalhar em consultórios privados, ganhando muito dinheiro. A ideia era de saírem eles



deixando pessoas formadas à sua imagem. Iam-se embora os jacarés mas ficavam os seus ovos. Ficariam os pequenos jacarés. Com a niveladora enteríamos os ovos. Foram-se embora os jacarés e também liquidámos as suas crias potenciais.

— Ou seja evitou-se a criação de uma nova camada de intermediários do colonialismo...

Aqui não criaram uma burguesia nacional. Mas a tarefa era essa: construir uma pequena burguesia. Aspirantes havia que pensavam como eles. Consideravam-se diferentes da população. Eram uma classe «intermédia». Se tivéssemos dado oportunidade à criação de uma burguesia nacional, para a desalojar depois teria sido um problema muito sério. Quisemos evitá-lo. Por isso avançámos rápido.

Se não tivéssemos nacionalizado a medicina certamente que os meus filhos e os filhos dos funcionários teriam todos os especialistas à sua disposição. Possivelmente sem pagar nada. Mas pagas tu. Paga o povo por eles... Por isso acabámos com os ovos do jacaré.

O SEGREDO DA EDUCAÇÃO

— *Presidente, e quanto à educação?*

É aí onde se forma o homem. O segredo está aí. Se tivéssemos deixado a educação nas mãos deles poderíamos criar uma mentalidade nova? Um homem novo? Uma sociedade nova? Não, é na escola, na educação onde está o germe, o segredo.

Não é por ensinar a falar bem ou a escrever bem que conseguiríamos formar outro homem. Há que criar uma mentalidade nova. Um homem novo. E nesse caminho a luta mais difícil é contra os vestígios coloniais. São aqueles que crêem que conhecem a cultura portuguesa, que desprezam a nossa cultura, um dos nossos maiores problemas.

Crêem que nós não temos história, que não temos cultura própria.

Eu poderia perguntar-lhes, onde aprenderam a cultura portuguesa? Em que ocasião? Se entre os moçambicanos e os portugueses não havia contacto. O único contacto que havia era o do trabalho contratado. O contacto era através da palmatória (castigo corporal) para cobrar impostos, contacto com a tropa, para massacrar o povo. Contacto para abusarem das nossas mulheres... Esses eram os nossos únicos contactos com os colonialistas. Onde aprenderam portanto a cultura portuguesa?

Dançaram juntos? Acaso tivemos contacto com o povo português? Os que para cá vieram foram os

Sobre a educação o Presidente disse: «Aí está o segredo. Tal como a medicina e a habitação. Quem iria falar dos trabalhos da revolução? Quem e onde se explicaria o que foram as áreas libertadas?»

colonialistas. Não era o povo português. Acaso veio cá o povo português estreitar a mão do povo moçambicano, contar-nos a sua história, fazer-nos conhecer os seus problemas? Então sim, poderíamos ter encontrado certas afinidades. Mas nada disso aconteceu. Pelo contrário. O que acontece então é que essa gente confunde educação com cultura. Confunde o ser educado pelo colonialismo português para servir os seus interesses com conhecer a cultura portuguesa.

Talvez encontrem alguém que lhes diga que esteve alguma vez reunido com um governador português. Mas não é verdade. Possivelmente terá comido um dia na cozinha da casa do governador. Eu não tenho respeito por essa gente, esses são os aspirantes à burguesia.

— *E são muitos?*

Olhe, eu sou daqui, cresci em Maputo. Conheço-os a todos e posso dizer que felizmente são muito poucos.

— *Também em educação há que destruir para construir sobre bases sólidas?*

É exactamente como na medicina, ou na habitação. Explicar-lhe-ei com os livros de texto nas escolas. Se mantivéssemos os textos do colonialismo quem iria falar das conquistas da revolução? Quem iria falar da nossa poesia da luta armada? Quem ou onde se explicaria o que foram as áreas libertadas? Quem elogiaria o infinito heroísmo do nosso povo, a sua determinação, a sua coragem, os seus sacrifícios? No entanto não era somente questão de agarrar nos textos velhos e pôr Maputo onde dizia Lourenço Marques ou corrigir: o Zambeze não é um rio de Portugal mas sim de Moçambique. É algo mais profundo que isso.

O conteúdo do livro podia continuar a ser o antigo. Não é questão de em vez de desenhar um branco desenhar um negro. Sabe? As crianças negras não sabiam desenhar os negros. Só aprendiam a desenhar crianças brancas. Porque era isso que lhes ensinavam nas escolas do colonialismo. Não aprendiam a desenhar o seu pai ou a mãe. Assim eram os professores, assim era todo o sistema educativo.



Pior que isso. Para uma criança negra era um martírio ir à escola. Também para os mulatos ou para os indus. Não se lhes fazia sentir orgulho de dizer «o meu pai é operário, o meu pai é estivador, o meu pai é maquinista». Pelo contrário. Porque estavam lá os filhos dos senhores doutores. «O meu pai é primeiro oficial». «O meu pai é membro da direcção duto ou daquilo». E o teu pai? «Doutor fulano».

E depois chegava a tua vez. E nem sequer podias dizer «O meu pai é agricultor. Não. Porque sendo negro, se cultivava a terra, era, depreciativamente, «machambelo». Porque a machamba não era considerada agricultura.

E ao meio-dia outra vez a humilhação. Quando saíamos, vinham os carros enormes buscar as crianças, os «meninos», que eram os brancos. Nós não tínhamos categoria de crianças.

Eram os livros que reflectiam essa realidade os que íamos manter? Impossível.

CONFIAMOS NA INFINITA CAPACIDADE DO NOSSO POVO

— É por tudo isto que se explica a prioridade que o governo da FRELIMO atribui à educação e à saúde?

Naturalmente. Para nós são questões fundamentais. E o processo é irreversível. Repito, é irreversível.

E verdade que temos falhas. Falta-nos experiência. Mas é dos nossos erros que aprendemos. Conhecemos as nossas insuficiências. Mas confiamos na infinita capacidade, na infinita força do nosso povo. Não sei quantos volumes escreveremos, mas fá-lo-emos com a história deste nosso povo.

Falam de cultura portuguesa, mas a verdade há muito tempo que eles não escreviam. A história deles tinha parado. Fora parada no fascismo e naturalmente não podiam escrever sobre o fascismo. Tinham vergonha. Agora os portugueses têm de escrever novos livros se querem avançar. Não livros que falem de Salazar ou de Marcelo Caetano. Dos conhecidos capitalistas exploradores. Não. Livros de um novo Portugal.

— Existem números que mostrem a nova educação?

Quando cá estive em 1975 tínhamos começado a proceder à nacionalização da educação. Desde então avançámos muito. Hoje temos um milhão e trezentas mil crianças nas escolas do país, número jamais sonhado na época do colonialismo. Quinhentos mil alunos tinham as escolas no ano da independência e a nossa é uma escola para todos: Negros, brancos, mulatos.

«O Processo revolucionário em Moçambique é irreversível. Podem matar-me a mim mas a FRELIMO continuará».

A DEMOCRATIZAÇÃO DA HABITAÇÃO

— Em Moçambique também foram nacionalizados os prédios. Como avança essa medida?

Com a nacionalização dos prédios surgiu uma onda de calúnias. Uma dura campanha. Acusaram-nos de ignorantes, de destruir anos de sacrifícios, etc.

Desde o momento em que proclamámos a independência os colonialistas começaram a ir-se embora. Os edifícios e as casas ficaram vazios, grandes parte deles nas mãos de senhorios. E que faziam esses senhorios? Cobravam o dinheiro das rendas e enviavam-no para contas na Suíça. Ou vendiam as casas a embaixadas e estas tinham de pagar no exterior.

Comentavam até com desprezo: «Os negros não percebem deste assunto. Não vão descobrir nada». Estava-se a criar um novo mercado imobiliário intenso. Muitos recebiam o dinheiro das suas propri-

edades fora do país, outros passavam-nas a propriedade fictícia de moçambicanos negros que seriam os compradores mas que na verdade eram alugadas e pagas no exterior.

Rapidamente descobrimos o que se estava a passar. Os colonialistas pensam que somos estúpidos. Em dez anos de luta armada aprendemos a conhecer bem os nossos exploradores. Essa é uma velha tática que serviu em alguns países. Aqui não.

Quando um negro ia alugar uma casa, os senhorios diziam: Infelizmente já está alugada. Desculpe. Estamos a tratar dos últimos arranjos na casa para que seja ocupada. «Todos os edifícios estavam alugados. Mas onde estavam os que os tinham alugado que nunca ocupavam as suas casas?

Eu próprio mandei uma pessoa para alugar uma casa desocupada em frente ao Hospital.

A resposta foi a mesma. Resultado: Todas as casas estavam vagas. Alguns eram francos e diziam: Pôr os negros a viver aqui? Para que sujem a casa



com os fogos de carvão? Isso é que não aceito. Prefiro deixá-la sem alugar. Esse era um tipo de racismo muito habitual em Moçambique.

Não digo que a população negra estivesse preparada para viver nos edifícios da cidade. Mas quem nasceu preparado? Que sucedeu em Cuba? Qual foi a experiência na União Soviética? É conhecido o facto de os camponeses da União Soviética terem chegado a arrancar as portas das casas que lhes entregou a revolução para fazer lenha. Outros não sabiam para que é que se usavam as banheiras.

Aqui não fomos excepção. Houve casos de pessoas que usavam as banheiras para plantar. Enchiam-nas de terra e plantavam aí vegetais. É verdade, tivemos esses problemas. Houve quem tentasse plantar cana de açúcar nos lavatórios. E a cultura portuguesa? Porque é que não foi usada para ensinar o povo de Moçambique como viver numa casa?

Nós tínhamos a consciência de que tudo isso ia acontecer. Mas era um processo necessário. É

preciso educar a população. Não deixa-la abandonada, vivendo nas pocuças que tinham como casa, por medo de sujar os edifícios de Maputo.

Como evoluiu o nome de macaco a Homem? Como? Será que quando deixou de ser macaco já usava papel higiénico? Já se calçava com sapatos? Ou são coisas que vieram depois, que surgiram como necessidades para preservar a vida, para melhorar a vida? Tinham-se já inventado as casas como as conhecemos hoje?

É por racismo, por uma visão estreita das coisas que se diz absurdamente: não sabe nada porque é negro. É racismo da pior espécie. É ignorância. Desconhecem a sua própria história. Donde surgiu a burguesia? Foi sempre burguesia? Logo que estão na barriga da mãe já têm educação?

Tinhamos subúrbios cheios de água, inundados na maior parte do tempo. Subúrbios em que não se pode cozinhar, não se pode dormir, porque as casas estão inundadas. Podíamos deixar de entregar a essa gente as casas vagas da cidade de Maputo com medo de que as sujassem? Gente que estava condenada a viver com parasitas, cheia de doenças. Nesses subúrbios era frequente episódios como es-

NEM O IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO

— *Gostaria de lhe fazer uma pergunta um pouco fora do contexto sobre que temos conversado. Como estão actualmente as relações de Moçambique com Portugal?*



«É verdade que temos falhas. Mas é das nossas falhas que aprendemos. Conhecemos as nossas insuficiências. Mas confiamos na capacidade infinita, na força infinita do nosso Povo».

te: quando o marido saía para o trabalho, a mulher seguia-o com uma toalha e um balde de água nas mãos. Quando chegavam ao asfalto, ela ajudava-o a limpar os pés, para que pudesse calçar-se para ir para o trabalho. E de noite, o mesmo quadro.

Quem construiu esta cidade? O tuncamental é que a cidade era o ponto mais alto da discriminação racial. Era o centro do racismo. Não nacionalizamos a habitação por nacionalizar. Quisemos atacar de frente o racismo. Dissemos: «Vamos conquistar a cidade para viver nela». Porque as cidades eram redutos do colonialismo. Eram as bases a partir donde eles atacavam as forças progressistas. Era nas cidades que eles escondiam espingardas, munições, granadas, para fomentar a contra-revolução. Aqui alojavam «amigos» que vinham da África do Sul, da Rodésia. Aqui, nestes mesmos edifícios que não queriam alugar.

Não se nos pode acusar de termos sido injustos. A ninguém tirámos a casa em que vive. Tem duas casas? Pois fica com uma. Com a outra não. Quer construir outra casa no campo? Construa-a. Pode tê-la. O que já não é possível em Moçambique é fazer negócios com as casas. Não teria tido valor o nosso sacrifício de longos anos de luta se tudo isso se tivesse mantido.

— *Como se organizou a vida nas casas?*

A Organização da mulher Moçambicana, OMM, trabalhou muito. Organizou cursos de manutenção das casas, ensinou o povo a viver nas suas novas habitações. E já se começam a ver resultados.

Estão a melhorar cada vez mais. Neste momento preparamo-nos para enviar uma missão a Lisboa. Mas não será monopólio de nenhum partido português. Falará com quem desejar com total independência.

— *Uma última pergunta. Temos visto durante esta visita a Moçambique como o povo se organiza e luta para prosseguir para diante, para consolidar as conquistas já obtidas. No entanto nem o senhor nem a FRELIMO ignoram que há uma conspiração permanente contra o seu país, contra o seu governo. As agressões da Rodésia são um exemplo, mas não o único. Como vê deste ponto de vista o futuro imediato?*

Já o disse mas volto a afirmá-lo: o processo revolucionário em Moçambique é irreversível. Podem matar-me a mim, mas não matam o Governo. Poderiam matar Chissano, Marcelino dos Santos, Chipande, Guebuza, mesmo o Jorge Rebelo, mas a FRELIMO continuará. Para que possam regressar e retomar as clínicas, os consultórios privados, os escritórios dos advogados, para que as escolas voltem para as suas mãos, para devolver às missões os hospitais do interior, teriam que chamar de novo aqui os colonialistas portugueses. E nem assim ... Não nos derrotariam.

— *Teriam de trazer de novo o general Kaúlza de Arriaga ...*

Sim, também o Kaúlza... Devolver as terras? Derrotar o governo da FRELIMO? Não, nada pode fazê-lo. Nem o imperialismo norte-americano.